

Música: a grande aliada do processo de reabilitação no Instituto Lucy Montoro

A história da Musicoterapia no Instituto Lucy Montoro teve início em 2011, quando a Prof^a Maristela Smith, das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), propôs um projeto-piloto na área. Nessa primeira experiência, alguns alunos da graduação em Musicoterapia desenvolveram ações com os pacientes ambulatoriais da Instituição.

A iniciativa foi um sucesso. Em 2012, a Prof^a Maristela criou um setor específico para esses profissionais na reabilitação. Além de ser a coordenadora do serviço, ela assumiu os atendimentos no IMREA Vila Mariana, enquanto o musicoterapeuta Renan Barreto de Souza se tornou o responsável pelo serviço na unidade Morumbi.

“Busco trabalhar bastante a questão funcional. Isso envolve coordenação motora, manuseio dos instrumentos de acordo com as limitações dos pacientes e a área cognitiva”, conta Renan. Em seu cotidiano, procura estimular a memória, a articulação da fala, a respiração e a interação entre as pessoas. Durante a semana, acontecem oito atividades em grupo, com duração de 30 e 45 minutos, dependendo da idade do público – e todos os pacientes e cuidadores são convidados a participar.



A praça de convivência do IMREA Morumbi é uma das atividades mais procuradas pelos pacientes

“Com as crianças, enfatizo a exploração sensorial, a exploração sonora e a percepção. Para isso, uso instrumentos de diferentes formas, materiais e pesos, estimulando questões táteis, auditivas e visuais”, revela o musicoterapeuta. A dinâmica com os adultos funciona de maneira variada: a cada encontro, Renan deixa os pacientes à vontade para dizer quais músicas eles gostariam de cantar. “No começo eles ficam tímidos, mas depois está todo mundo cantando junto”, completa.

Os mais interessados também podem ter um acompanhamento individualizado. A equipe multiprofissional encaminha os pacientes para a Terapia Ocupacional. “Já trabalhei a adaptação de instrumentos tanto para quem tinha o desejo de voltar a tocar quanto para pacientes que querem aprender um instrumento nessa nova etapa da vida. A adaptação já foi feita em violão, gaita, teclado e percussão. Essa prática acontece junto com a Terapia Ocupacional (TO) – quando o paciente precisa de alguma órtese facilitadora, são eles que desenvolvem”, explica Renan.

Timóteo Johnson, 30, está na terceira internação no Instituto e gosta muito da musicoterapia. Em 2013, teve uma parada cardiorrespiratória e perdeu o movimento das pernas e dos braços, além da capacidade de articular as palavras. Hoje, está mais autônomo e já consegue se comunicar verbalmente, mesmo que com dificuldades. Johnson toca violão desde criança e participou de um

grupo de pagode – mas seu repertório pessoal inclui rock, samba, forró e sertanejo. “Ainda penso em voltar para a música. Com certeza vou voltar – para o piano ou o violão. Sou outra pessoa graças ao Instituto”, comenta.

“O canto é usado como uma forma do paciente ampliar o vocabulário. Como a parte do cérebro que desenvolve a linguagem é diferente da parte que assimila a arte, é comum que uma pessoa com dificuldade de se expressar através da fala consiga cantar perfeitamente”, afirma. Além dos musicoterapeutas, os pacientes do IMREA Morumbi são acompanhados por fisiatras, fisioterapeutas, enfermeiros, nutricionistas, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, psicólogos e dentistas.

Fonte: Jornal da FFM, Publicação Bimestral da Fundação Faculdade de Medicina ano XIV – nº 83 – jan/fev 2016

Disponível em: <http://extranet.ffm.br/wfcontent/subportals/Imprensa/Jornal/Jornalue.pdf>